

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

QUANDO AMAR É UM “PROBLEMA”
Os significados de amar demais a partir do MADA

JULIANA BEN BRIZOLA DA SILVA

Porto Alegre

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

QUANDO AMAR É UM “PROBLEMA”
Os significados de amar demais a partir do MADA

JULIANA BEN BRIZOLA DA SILVA

Monografia apresentada para a obtenção do
título de bacharel em Ciências Sociais pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Arlei Sander Damo

Porto Alegre
2008

Às integrantes do grupo MADA,
que com sua força, coragem e determinação
lutam para vencer a dependência de relacionamento

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por me possibilitar o acesso a um ensino superior público, gratuito e de qualidade e por me fornecer os subsídios necessários para a conclusão desta monografia.

O incentivo, as críticas e os elogios do meu orientador, Prof. Arlei Damo, foram decisivos no processo do *fazer etnográfico*, bem como no meu desenvolvimento intelectual e acadêmico.

O crédito, as expectativas e sugestões de alguns colegas, entre eles Bruno Ortiz, Cauê Machado e José Leonardo Ruivo, influíram positivamente na concepção desta etnografia e colaboraram para que eu acreditasse no meu potencial para realizá-la.

Agradeço especialmente a Douglas Dickel, meu namorado, que, com o seu carinho, amor e compreensão, deu-me o suporte emocional necessário para a realização desta monografia.

RESUMO

A presente monografia aborda o amor e as relações amorosas a partir de uma reflexão sobre o “problema de relacionamento”. Trata-se de uma etnografia que tem como principal objetivo identificar os diferentes significados do amor e os conflitos decorrentes da experiência amorosa a partir de uma análise dos rituais, das estratégias terapêuticas e do discurso das integrantes do grupo MADA – Mulheres que Amam Demais Anônimas.

O valor conferido ao amor e o papel do sujeito como agente desse amor são problematizados tomando-se a ideologia individualista enquanto fundamental na construção da noção de pessoa no mundo contemporâneo. O recorte de gênero realizado pelo grupo, aliado a um ideal de mulher buscado pelas MADAs, também é objeto de análise na busca pelos significados de amar demais.

Palavras-chaves: amor, mulher, relacionamento.

ABSTRACT

This dissertation refers to love and relationships from a view point focusing on the “predicament of relationships”. This work is an ethnography which has as its main objective to identify the different signifiers of love and the conflicts arising from the experience of loving, based on an analysis of the habits, therapeutic strategies and the discourse of the members of MADA – Unknown Women who Love Too Much.

The value associated to love and the role of the individual as an agent of this love is problematic. This is the case because it has an individualist ideology which is fundamental to construct the essence of a being in the contemporary world. The thematic of gender cared out by the group, combined with the ideal of women sought by members of MADA is also the object of analysis in the search of signifiers of love in excess.

Key-words: love, woman, relationship.

“CORAÇÃO.

*Essa palavra vale por todas as espécies de
movimentos e desejos, mas o que é constante,
é que o coração se constitui em objeto de dom
– seja ignorado, seja rejeitado”.*

Roland Barthes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O MADA A PARTIR DE SUA DINÂMICA E DE SEUS RITUAIS	12
1.1 O encontro semanal: “continue voltando, o segredo está na próxima reunião”	13
1.2 Traçando perfis e delimitando trajetórias.....	15
1.3 A relação pesquisador-pesquisado e as noções de engajamento e distanciamento	16
2 A INVENÇÃO DO AMOR E A COMPLEXA PLURALIDADE CONTEMPORÂNEA	20
2.2 Do amor cortês ao amor líquido.....	20
3 AMAR DEMAIS E O “PROBLEMA DE RELACIONAMENTO”	28
3.1 Lúcia: a “menos louca”	28
3.2 A relação intempestiva de Clara e Otávio	30
3.3 O centramento no “eu” e o ideal individualista	32
4 AMOR, FEMINISMO E SUBJETIVIDADE	38
4.1 Mulheres ideais: independentes, equilibradas e insubordináveis.....	38
4.2 A luta pela igualdade a partir de uma análise cultural da subordinação.....	39
4.3 O recorte de gênero do MADA, suas implicações e subjacências.....	41
4.4 Subjetividade, cultura e <i>agency</i>	44
CONCLUSÃO	46
BIBLIOGRAFIA	47

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em amor, tendemos a pensar em prazer, realização e felicidade, atribuindo a esse sentimento apenas valores positivos. Amar parece ser uma experiência sublime, que conduz os indivíduos ao paraíso, embora por vezes os torne um tanto vulneráveis. O amor seguidamente é concebido como algo naturalmente humano, que simplesmente acontece, não escolhendo hora, lugar ou pessoa para surgir em nossas vidas. Ele é visto como um sentimento mágico que não obedece aos impulsos racionais do indivíduo, sendo incontrolável pela força da vontade.

No entanto, a prática amorosa vem a desmentir radicalmente a idealização, pois amamos com sentimentos e emoções, mas também com razões e julgamentos. Ainda que seja comum a associação entre o amor e a realização pessoal, há indícios concretos de que o amor não é um valor em si mesmo.

O amor, para “acontecer”, depende da combinação de muitos fatores, sendo eles avaliados pelo indivíduo antes e durante o processo de apaixonar-se. Não pretendo, com isso, afirmar que primeiramente levantamos uma ficha do alvo do amor e depois apertamos um botão em nós mesmos liberando ou barrando esse sentimento, mas sim sugerir que a proveniência (geográfica, racial, econômica, de classe) e as possíveis afinidades entre o casal estão intrinsecamente implicadas no desejo de amar o outro. Nós, seres humanos, aprendemos a amar dessa ou daquela maneira a partir das relações sociais que estabelecemos dentro da cultura em que vivemos, da qual somos produtos e produtores ao mesmo tempo.

Dessa forma, a experiência de amar pode trazer alegria e felicidade, mas também pode gerar dor, sofrimento e tristeza. Esse é o tipo de amor cultivado pelas mulheres que procuram o grupo de auto-ajuda MADA – Mulheres que Amam Demais Anônimas. Para as integrantes do MADA, quando amar significa sofrer, é porque não estamos amando de maneira “saudável”, estamos amando “errado”, e essa forma de amar caracteriza a dependência amorosa ou o “problema de relacionamento”.

E o que significa amar o outro? Doar-se por inteiro sem pensar nas conseqüências? Priorizar as necessidades e desejos do outro em detrimento dos meus desejos e das minhas necessidades? Ou investir na relação amorosa preservando o meu *status* de indivíduo, independente, único e auto-suficiente? O que é um relacionamento “saudável”? Que valores e ideais estão presentes quando julgo que para construir um relacionamento “saudável” eu preciso me amar antes de amar o outro? Quais relações uma pessoa estabelece para concluir que não está amando na medida certa, que está amando demais? O que significa amar demais e quais as conseqüências do “problema de relacionamento”?

Para responder a essas perguntas proponho uma incursão pelo universo do MADA, no qual muitas mulheres sofrem por depender dos mais variados tipos de relacionamento. Durante o período de campo, acompanhei a trajetória de aproximadamente doze mulheres, e a variedade de “problemas” permitiu-me criar três grupos de MADAs. No primeiro grupo encontram-se os casos mais recorrentes, que são denominados “problemas com homens”. O segundo é formado por mulheres que dependem de relacionamentos com seus familiares diretos: pais, filhos ou irmãos. No terceiro grupo estão os casos de mulheres que amam demais “coisas” – como o trabalho ou o estudo – ou seres inanimados – como as suas plantas, por exemplo.

Devido à grande fluidez do grupo, optei por analisar quatro casos de mulheres que frequentaram as reuniões por pelo menos cinco sessões. Três deles encaixam-se no primeiro grupo e o outro no segundo.

Esta etnografia tem como objetivo principal apreender o olhar das mulheres que amam demais em relação ao amor que elas nutrem pelo outro ser. Ao analisar as dinâmicas e os rituais do grupo, as estratégias terapêuticas e o discurso das participantes, e confrontar todos esses elementos com a bibliografia proposta, procurei identificar os diferentes significados do amor e os conflitos decorrentes da experiência amorosa.

Inicialmente, apresentarei e analisarei as dinâmicas e os rituais do MADA, mostrando a importância do ritual na formação das identidades de grupo e apresentando-o enquanto expressão da tensão entre o estruturante e o estruturado¹. Nesta primeira etapa também traçarei um perfil das MADAs e farei algumas considerações sobre a minha inserção em campo.

¹ Conceitos de Bourdieu, desenvolvidos principalmente na obra “Razões práticas: sobre a teoria da ação”.

Em um segundo momento, apresentarei um breve inventário do amor e da intimidade, desde a idade média até os tempos modernos, com o intuito de explicar e problematizar as mudanças ocorridas ao longo dos séculos, que vão desde a ascensão da mulher no espaço público até a explosão dos avanços tecnológicos – em parte responsáveis pela fluidez e pela fugacidade das relações sociais da atualidade –, passando pelas transformações ocorridas nas relações de trabalho e de produção. Esse panorama histórico tem como objetivo desnaturalizar o amor, mostrando que ele não é um valor em si mesmo e sim um sentimento construído socialmente, fato que o torna passível de ser sentido, pensado e significado das mais variadas formas.

No terceiro capítulo buscarei compreender o valor conferido ao amor e o papel do sujeito como agente desse amor. A investigação evidencia a importância do individualismo enquanto ideologia que perpassa a construção da noção de pessoa no mundo contemporâneo, sobretudo para pessoas ligadas às camadas médias, como as frequentadoras do MADA. Nesse sentido, a experiência etnográfica remete à busca do “eu” como estratégia das frequentadoras para adequarem-se às exigências de uma sociedade que supervaloriza os princípios da igualdade e da liberdade.

Na busca do “eu” as MADAs admitem o quanto desejam possuir o outro e passam a perceber que esse outro é um ser individual, ao mesmo tempo em que se percebem também como seres individuais. Assim, realizarei o esforço de compreender como o desejo de posse pelo outro – que nunca se concretiza totalmente – vai aos poucos sendo substituído pelo desejo de posse por si mesma. Esse jogo de poder está sempre presente no MADA, na medida em que o controle de si é considerado a chave para o equilíbrio e para a harmonia da vida em sociedade.

Por fim, relativizarei a preponderância do individualismo no ideal de amar “certo”, ao mostrar que as MADAs, além de buscarem uma identidade *individual*, calcada nos preceitos de autonomia e soberania, desejam também alcançar um ideal de mulher. Elas querem ser mulheres independentes – emocional e financeiramente –, equilibradas e insubordináveis. A partir desse olhar, falarei sobre o recorte de gênero proposto pelo grupo e problematizarei questões relativas à subjetividade e aos poderes de *agency* dos sujeitos.

1 O MADA A PARTIR DE SUA DINÂMICA E DE SEUS RITUAIS

Uma análise do MADA a partir de sua dinâmica e de seus rituais pretende inserir o leitor no universo do grupo, problematizando a expressão ritual, o modo de funcionamento do MADA e o perfil das integrantes e trazendo alguns relatos e reflexões sobre a minha inserção em campo.

O MADA é um grupo de auto-ajuda que tem como principal objetivo a recuperação de mulheres dependentes de relacionamentos. De acordo com a coordenadora do grupo, o único requisito para frequentar as reuniões é que “haja um problema de relacionamento em sua vida”. Contudo, uma análise mais aprofundada leva-nos a perceber que acordos são firmados, de maneira tácita, fazendo com que a aceitação de algumas regras e preceitos de conduta torne-se pré-requisito para o pertencimento ao grupo.

Essas regras e preceitos de conduta, aliadas à paisagem que compõem o *lugar MADA*, dão forma aos rituais, que são rigorosamente seguidos a cada encontro. Os rituais caracterizam a existência de uma coletividade estruturada e estruturante, na medida em que os sujeitos constroem e são construídos pela paisagem e pelas normas comportamentais.

Entendo o ritual como a expressão de uma forma cultural em uma dada coletividade. Compartilho as idéias de Edmund Leach ao pensar que o rito está no nível do simbólico, assim como o mito. O rito, por meio da ação, e o mito, por meio da palavra, legitimam a prática e o *dizer* de uma cultura. A forma como os nativos se pensam é diferente (e muitas vezes conflitante) de como eles se representam, que por sua vez também é diferente de como eles atuam na vida cotidiana. Isso tudo está presente no ritual, pois ele “serve para expressar o *status* de um indivíduo enquanto pessoa social no sistema estrutural em que ele se encontra temporariamente” (LEACH, 1954, p. 74). Assim, o ritual é a expressão de uma estrutura social.

No entanto, o ritual também é a expressão do estruturante, pois um mesmo ritual pode ser realizado, representado e significado de formas distintas em diferentes grupos

de uma mesma instituição. Ao assistir algumas reuniões do MADA de uma outra sede, percebi claramente essas diferenças, confirmando a tese de que os sujeitos agem na estrutura ao mesmo tempo em que sofrem sua ação.

Os rituais, ao afirmar uma identidade de grupo, não se resumem em expressar a estrutura social do MADA; eles revelam também a tensão entre o estruturante e o estruturado. Por exemplo, quando chega uma nova mulher ao grupo, a preocupação de seguir à risca os rituais e, assim, *iniciar* a nova integrante nessa dinâmica é muito grande; várias estratégias são utilizadas para mostrar-lhe a coesão do grupo, o ambiente receptivo e acolhedor que a espera semanalmente e para deixá-la à vontade durante o seu primeiro depoimento.

Os rituais são sempre os mesmos, mas não são fixos. A forma como são encenados, que caracteriza a performance do rito, pode variar. Ademais, os rituais devem ser analisados para além da ação social em que ocorrem, pois a expressão ritual é um aspecto de todo o comportamento das MADAs e a sua análise torna-se fundamental na busca do que é amar demais.

1.1 O encontro semanal: “continue voltando, o segredo está na próxima reunião”

O próprio encontro semanal do MADA, realizado todas as quartas-feiras, na casa espírita *Nossa Casa*, já pode ser considerado um grande e importante ritual. Lá se reúnem também os AA – Alcoólicos Anônimos – e outros grupos de auto-ajuda, além dos que realizam “trabalhos espirituais”. Freqüentar assiduamente as reuniões, ser pontual e portar-se de forma adequada são pontos fundamentais para *pertencer* ao MADA. Como o tratamento funciona através de “espelhos”, a identificação entre as MADAs também assume um papel importante no quesito pertencimento e na conseqüente busca pela melhora.

A sala do MADA fica no prédio anexo da casa espírita, o que confere uma aparente autonomia e isolamento ao grupo. A coordenadora sempre salienta que o grupo não faz parte da *Nossa Casa* e que questões religiosas não são colocadas durante as reuniões; no entanto, percebe-se claramente, pelo modo como são conduzidos os encontros, que a entrega do problema ao “poder superior” e o crédito num “deus poderoso e amoroso” fazem parte do tratamento. A primeira impressão é que, embora o

grupo não seja guiado por um ideal religioso específico, parte-se do princípio de que todos acreditam em um “poder superior”. A fé aparece aqui como condutora do tratamento, a partir do que as MADAs chamam de “despertar espiritual”.

A sala – que mais parece um auditório – é ampla, ocupando quase todo o segundo andar do prédio, e há banheiros privativos no mesmo piso. O MADA utiliza apenas uma pequena parte da sala, onde há uma mesa central que é ocupada pela coordenadora e pela secretária. Em cima da mesa é exibida a *literatura* do MADA, ou seja, as duas edições brasileiras do livro “Mulheres que Amam Demais”, de Robin Norwood, e um livro de meditações da mesma autora. Na parede são afixados os “doze passos”. Ao redor da mesa são dispostas cadeiras, em círculo, nas quais sentam as frequentadoras do grupo.

A coordenadora abre a reunião lendo os doze passos e as doze tradições do MADA². A leitura é acompanhada pelas “companheiras”, que também fazem uso da palavra alternadamente. A seguir todas juntas, em uníssono, lêem os lemas do MADA, que são frases curtas como “Pela graça de deus” e “Um dia de cada vez”. Nesse momento a coordenadora relembra algumas regras de conduta, indicando que não se deve interromper a fala durante os depoimentos, pois “o tratamento é baseado em espelhos e não em conselhos”. Ela também dá boas-vindas às “novas” e diz “continue voltando e não fique apenas com a impressão deste encontro, pois o segredo está na próxima reunião”.

Logo após, chega a etapa de aprofundamento de algum dos passos – cada encontro é destinado a um deles de maneira seqüencial –, no qual a coordenadora ou a secretária lêem, um trecho da apostila³ relacionado àquele passo. Em seguida a reunião é aberta para comentários. Depois dos comentários, que nem sempre são feitos, realiza-se o momento mais importante e dramático do encontro: os depoimentos.

Esse momento, muitas vezes, é marcado por constrangimentos, principalmente quando há novas integrantes na reunião. Seguidamente elas não querem falar, mas a coordenadora insiste, “as novas têm prioridade”, o que parece deixá-las ainda mais desconfortáveis e constrangidas. O silêncio impera nos primeiros instantes e a maioria dos olhares direciona-se para o chão. Muitas vezes eu também me constrangia, pois as “novas” não sabiam que eu não era uma MADA e que estava ali para pesquisar o

² Os passos e tradições do MADA são assumidamente inspirados nos passos e tradições dos AA. Trata-se de um conjunto de orientações que vão guiar a conduta das frequentadoras.

³ Material organizado pelas coordenadoras a partir da leitura do livro “Mulheres que Amam Demais”, da terapeuta familiar estado-unidense Robin Norwood.

grupo⁴. Elas ficavam esperando o meu depoimento, principalmente depois de darem o seu. Lembro da vez em que uma delas indagou ao grupo: “E ela ali? Não vai falar?”. Prontamente a coordenadora respondeu: “Não. A Juliana é estudante de antropologia da UFRGS e está fazendo um trabalho sobre o grupo”. A nova integrante suspirou um: “Ah...”, deixando claro o seu desconforto e quase descontentamento com a minha presença ali. Em contrapartida, houve casos de mulheres muito interessadas sobre a pesquisa, inclusive chegando ao ponto de me convidar para “palestrar” no MADA, o que de fato ocorreu nas últimas semanas de campo.

A regra estabelece que cada mulher tem sete minutos para depor, e o silêncio, por parte das outras, deve ser absoluto. A performance das depoentes varia bastante. Algumas ficam tensas; outras, apenas tímidas. Outras, ainda, sentem-se à vontade. Muitas choram, principalmente nas primeiras vezes. A emoção de uma contagia e encoraja o depoimento da outra, além de fortalecer a unidade do grupo. É nessa etapa que as identidades de grupo MADA vão se firmando, ao mesmo tempo em que as novas identidades pessoais vão sendo construídas.

Após essa etapa todas se levantam, unem as mãos e lêem em voz alta as três orações que guiam o tratamento: a oração da unidade, a oração da serenidade e a oração da sabedoria. Por fim, proferem as últimas palavras do encontro, com força e vigor: “só por hoje!”. Essa frase significa, para o grupo, que se deve “viver um dia de cada vez”, sem “queimar” etapas, pois com calma e tranquilidade os resultados surgirão.

1.2 Traçando perfis e delimitando trajetórias

A partir da observação participante, que realizei semanalmente, de abril a agosto de 2008, pude traçar um perfil das mulheres que freqüentam o MADA. São mulheres de classe média-baixa, classe média e classe média-alta, entre 20 e 60 anos, solteiras, casadas e divorciadas. Todas as casadas e divorciadas têm filhos e residência própria e quase todas dependem economicamente do marido ou do ex-marido, embora metade delas exerça alguma atividade remunerada. As solteiras moram com os pais e trabalham. Quase todas também procuram outros tipos de ajuda para solucionar o “problema de

⁴ Nas primeiras idas a campo o meu constrangimento era ainda maior, pois, como explicitarei melhor a seguir, a coordenadora e a secretária acreditavam que eu era uma MADA travestida de estudante de antropologia.

relacionamento”, como a terapia e o “aconselhamento espiritual”. Algumas tomam medicação prescrita por psiquiatras.

O único padrão que consegui verificar a partir da análise do perfil das MADAs está ligado à questão da autonomia financeira. Excetuando-se o caso de uma mulher que morava sozinha e se sustentava com o seu próprio trabalho, podemos dizer que a dependência econômica é uma constante dentro do grupo. No capítulo III e IV desenvolverei melhor essa questão, mostrando como a busca por um relacionamento *saudável* está calcada numa noção de pessoa individual e autônoma, mas também no desejo de *libertação* feminina, tanto na dimensão afetiva, como na dimensão financeira.

O grupo de mulheres que frequenta o MADA é fluido, variando bastante em número a cada encontro. Contudo, há duas mulheres, Lúcia e Ana⁵ – respectivamente a coordenadora e a secretária – que estiveram sempre presentes, desde o início da observação, fato considerável para elas terem se tornado as minhas principais informantes. Elas pertencem ao grupo há mais de um ano e Ana está sendo capacitada por Lúcia para assumir a coordenação do grupo.

A análise da trajetória de duas outras mulheres, Clara e Luíza, também foi de fundamental importância no desenvolvimento da pesquisa. Clara foi frequentadora assídua durante dois meses e iniciou o tratamento no segundo encontro em que me inseri em campo. Luíza se tornou integrante do MADA algumas semanas antes do final da minha observação-participante.

1.3 A relação pesquisador-pesquisado e as noções de engajamento e distanciamento

Antes de propor uma incursão ao universo das relações amorosas, mostrando como elas foram se transformando ao longo dos séculos, gostaria de fazer algumas considerações sobre a minha inserção em campo.

A primeira tentativa de contato com o grupo foi por e-mail e não foi bem sucedida, pois não obtive resposta. Então, resolvi ir pessoalmente a um encontro. Quando cheguei em frente à Nossa Casa – um pequeno edifício que se assemelha, em estrutura física, a um prédio comercial –, a porta estava fechada e havia um bilhete que

⁵ Lembro aqui que todos os nomes deste trabalho foram trocados, com o intuito de não ferir a 12ª tradição do grupo, que diz “O anonimato é o fundamento espiritual de todas as nossas tradições”, e também a ética antropológica.

dizia: “acesso ao MADA pelo prédio anexo”. Bati na porta do prédio indicado – que parecia um pouco mais novo e bem-cuidado do que o outro – e uma senhora – que depois fui saber ser a responsável pela biblioteca da casa espírita – atendeu-me. Informei que estava querendo falar com a coordenadora do MADA e ela me respondeu, de maneira ríspida e desconfiada, que Lúcia ainda não havia chegado e que eu deveria esperar do lado de fora. Enquanto esperava, aproximou-se de mim uma outra senhora. Ela me observou por alguns minutos e depois perguntou: “é a tua primeira vez?” Eu lhe disse que era estudante de antropologia e gostaria de pesquisar o MADA. Ela ficou curiosa e quis saber mais sobre a antropologia e sobre os meus objetivos de pesquisa. Nós desenvolvemos uma agradável conversa até o momento em que Lúcia apareceu. Ao me ver, Lúcia ficou feliz: “que bom, temos uma ‘nova’ hoje!”. Eu apenas a cumprimentei, esperando chegar até a sala destinada ao encontro para expor os meus propósitos. Chegando lá, eu, Lúcia e a senhora simpática que conversara comigo – que depois saberia ser Ana Cristina – sentamo-nos, e eu prontamente pedi permissão à Lúcia para freqüentar as reuniões durante alguns meses, com o objetivo de poder realizar o meu trabalho de conclusão de curso sobre o MADA. Inicialmente, Lúcia me informou que “pessoas de fora” só podem assistir à última reunião do mês. Disse-lhe que a pesquisa não seria invasiva, que eu ficaria apenas na posição de observadora e que, *a priori*, entrevistas não estavam previstas. Por fim, ela concordou em “abrir uma exceção” e me disse que consultaria o grupo sobre o assunto. Duas semanas depois retornei ao MADA, e as quatro integrantes presentes haviam “me aceitado” como pesquisadora do grupo.

Desde o primeiro dia de observação, no qual expus o meu interesse em pesquisar o grupo, participei ativamente dos encontros, ou seja, realizei os rituais de leitura dos passos, tradições e lemas do MADA, ouvi atentamente a fala das “companheiras” e apertei suas mãos no momento das orações. Agi dessa forma, pois fui convidada a *participar* das reuniões desde o instante em que fui aceita no grupo. E considero importante salientar que fui aceita com uma facilidade bem maior da que imaginava, pois, como não havia ninguém que me inserisse em campo, e tratando-se o MADA de um grupo de auto-ajuda, acreditava que seriam colocados entraves para a realização da pesquisa.

Durante as reuniões, quando chegava a etapa dos depoimentos, Lúcia e Ana tentavam me deixar à vontade para dar o meu depoimento, assim como faziam com as novas integrantes. No final do segundo encontro, Lúcia indagou-me: “Não te identificou

com a fala das colegas?”. Eu respondi negativamente, e ela replicou: “Que bom! Uma a menos!”. Durante alguns encontros elas ainda estavam um pouco desconfiadas das minhas reais intenções ali, mas, por fim, se convenceram de que o meu objetivo era apenas investigativo.

No início me incomodei um pouco com os constrangimentos causados pela aposta de Lúcia e Ana, chegando até a repensar a minha postura em campo. Entretanto, no decorrer da investigação, acabei encontrando nessa situação uma interessante proposta de interação pesquisador-pesquisado. O fato de estar inserida no campo de maneira tão intrínseca contribuiu para que eu me aproximasse do universo particular das “companheiras”, que me viam quase como uma delas, mas também exigiu um exercício maior de vigilância epistemológica, tão necessária no exercício de alteridade dentro do trabalho etnográfico. Constantemente tive de atentar para o meu objetivo de pesquisa, pois naturalizar aquele meio e aderir à causa do MADA não seria tarefa difícil na situação em que me encontrava.

Ao refletir sobre o meu concomitante papel de pesquisadora e integrante temporária do grupo, surgiram questões relativas ao autocontrole das emoções. A noção de engajamento e distanciamento, própria do pensamento de Norbert Elias, torna-se pertinente aqui. De acordo com a interpretação feita por Nathalie Heinich:

A noção de engajamento mede o grau em que uma pessoa está afetada – interessada, emocionada, tocada – pelo mundo exterior, quer esse mundo se manifeste sob a forma de um ser vivo (humano ou animal), de um objeto (uma obra de arte), de um fenômeno social (uma passeata) ou natural (uma tempestade) (HEINICH, 1997, p. 41).

Uma pessoa emocionalmente engajada em um determinado problema ou numa dada situação está envolvida a tal ponto que passa a perder o controle do mundo exterior. O seu nível de autocontrole emocional está baixo e, com isso, a sua capacidade de reflexão e ação está seriamente comprometida. Já um indivíduo que tem sua carga emocional diminuída, colocando-a à distância do problema, encontra-se numa situação de autocontrole elevado, fato que o permite pensar de maneira mais racional e agir de maneira mais prática (HEINICH, 1997).

Transpondo esses conceitos para nossa análise, podemos dizer que as MADAs estão altamente engajadas no seu “problema” e, assim, encontram dificuldades para “dominar o perigo”. De certa forma, por meio da primeira e mais importante estratégia de recuperação, o centramento no “eu”, elas buscam o distanciamento de que fala Elias, ao transferir as atenções do outro – o sujeito ou objeto do qual dependem – para si. Essa

estratégia prima pela recuperação da auto-estima ao ensinar que o cuidado de si e a autovalorização transforma o “eu” em prioridade e resgata no indivíduo a preocupação reflexiva com a proteção da auto-identidade.

Como nos mostra Giddens – em sua obra *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas* –, a dependência de relacionamentos produz um afastamento do “eu”, o que acarreta uma série de problemas narrados pelas integrantes do *Sex Addicts Anonymous* (SAA) – grupo pesquisado pelo autor – e também pelas MADAs. Daí surge o centramento no “eu”, levando o indivíduo a reexaminar sua auto-identidade e a mudar seu estilo de vida.

O centramento no “eu” é a principal estratégia de recuperação proposta pelo grupo, como veremos melhor no terceiro capítulo; por enquanto, basta apontar como o MADA, por meio de sua dinâmica e de seus rituais, procura motivar os seus freqüentadores a transformarem suas rotinas, para que se torne possível uma reescrita da narrativa do “eu”.

2 A INVENÇÃO DO AMOR E A COMPLEXA PLURALIDADE CONTEMPORÂNEA

Durante muito tempo a sociedade ocidental tomou o amor como um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas. De acordo com essa concepção, o amor não obedece aos impulsos racionais do indivíduo, sendo incontrolável pela força da vontade. Amar – e ser correspondido – garantiria assim a plena felicidade.

Como bem coloca Jurandir Freire Costa, em sua obra *Sem fraude nem favor – estudos sobre o amor romântico*, esses são os preceitos que sustentam o credo amoroso dominante, e problematizá-los torna-se tarefa primordial para compreender como o amor está mais próximo de uma construção social do que de um dom inerente à condição humana.

Uma prova da invenção do amor está no modo como se transformaram as relações amorosas ao longo dos séculos. O ideal de amor romântico, criado em meados do século XVIII, foi o grande expoente do imaginário sobre o amor e sobre a intimidade, sendo amplamente cultuado até hoje. Mas houve também outras formas de pensar e sentir o amor e, a partir delas, novos domínios da intimidade foram sendo desenvolvidos.

Ao traçar um panorama histórico, partindo do amor cortês e chegando às formas contemporâneas de amar, representadas pelo amor confluyente, pelo amor líquido e pelo “amor demais” do grupo MADA, pretendo desnaturalizar o amor, pensando como foram – e são – construídas as emoções ligadas aos relacionamentos amorosos. Falo em panorama histórico, pois não tenho a pretensão de historicizar o amor, mas sim de oferecer subsídios para uma análise antropológica dos relacionamentos.

2.2 Do amor cortês ao amor líquido

O amor cortês é fruto da sociedade de corte, que data do período medieval pós-século XII. Os principais aspectos do amor cortês são: a relação do sofrimento com o amor-paixão e a laicização do objeto de amor. O sofrimento do amor cortês está relacionado à posse do objeto de desejo carnal, que é renunciada para se chegar à felicidade. As sementes da melancolia e da martirização do amor romântico estão aqui presentes, pois “o amor cortês preparou as condições culturais para explosão do amor romântico séculos mais tarde” (FREIRE COSTA, 1998, p. 58).

Uma transformação fundamental desse período, responsável pela ruptura de alguns ideais da mística católica, comum à tradição clássico-medieval, foi o resplandecer da figura da mulher como objeto de contemplação e desejo, em substituição da imagem de Deus. Por ocasião disso, o vocabulário sentimental foi enormemente enriquecido, a partir de uma nova linguagem, repleta de metáforas, que vai, mais tarde, marcar o romantismo.

O amor romântico surge da crise da sociedade de corte, segundo o pensamento de Norbert Elias. O processo civilizador provocou uma reação à rigidez das regras do modo de vida cortês, baseado em exigências de civilidade, que obrigavam os sujeitos a um controle de si até então desconhecido. Os nobres rurais, para desfrutar de certas regalias e manter suas posições de prestígio, eram levados a abrir mão de manifestar o que sentiam ou pensavam. Mas parte desses homens rebelou-se a partir de ações nostálgicas de retorno ao campo, onde a vida era mais simples e bela (FREIRE COSTA, 1998). A sociedade de corte ensinou os homens a serem requintados e comedidos e a “manter as aparências”. E este foi seu maior legado até hoje, apesar das reações dos nobres rurais, vinculadas ao emergente ideal de liberdade, que será associado ao amor romântico a partir de meados do século XIX.

O ideal de amor romântico traz uma série de novos elementos que denotam um reordenamento da vida emocional cotidiana. O amor é sublimado e tende a colocar em segundo plano o amor-paixão, marcado pelo ardor sexual e condenado pela Igreja. A pessoa amada é dotada de características peculiares que a tornam “especial”, e a realização desse amor torna a vida “completa”. A figura da mulher é enaltecida e idealizada, a partir do que podemos chamar de “invenção da maternidade” e “criação do lar”. Os papéis sociais passam a ser bem marcados, dando margem para o surgimento da “esposa e mãe”, imagem feminina que reflete a dicotomia de gênero, afirmada nas atividades e nos sentimentos. Os “mistérios” da condição de mulher, incompreensíveis e atraentes aos homens, também são criados nessa atmosfera dual (GIDDENS, 1993).

Pela primeira vez a maternidade é associada à feminilidade, sendo elas qualidades da personalidade feminina (GIDDENS, 1993). A promoção do amor é responsabilidade da mulher, cabendo a ela despertar esse sentimento no homem, encaminhando o casal à perfeita plenitude. À mulher é conferido o poder de encantar, sublimar, utilizando artifícios até então desconhecidos – ou apenas não legitimados –, como o olhar, o sorriso, o toque sutil, o rubor e até o silêncio (CORBIN, 1997). As armas femininas estão no plano da beleza e da suavidade.

Embora o ideal de amor romântico estivesse profundamente enraizado no domínio masculino dos homens sobre as mulheres, pois a figura da mulher estava restritamente associada ao lar e ao isolamento do mundo exterior, o poder de sedução feminino vem trazer certa autonomia diante da privação. No crescimento e na consolidação das amizades femininas, as mulheres são levadas a desenvolver novos domínios da intimidade que, além de conferirem certo consolo e cumplicidade, permitiram uma liberdade do sentir e do falar em relação aos seus mais íntimos desejos e sentimentos (GIDDENS, 1993).

Em contrapartida, aos homens não foi conferida essa liberdade de expressar seus sentimentos e suas emoções. Os homens são coagidos a reprimi-los e a não estabelecer laços mais íntimos com outros homens. O ideal de virilidade associado ao universo masculino, no qual o homem é a figura máscula, o provedor econômico e o chefe da família, não é compatível com atitudes sensíveis – como o choro, o lamento e a confiança – nem com envolvimento que pudessem colocar em dúvida o seu potencial de dominador e a sua heterossexualidade.

A ascensão da mulher no espaço público, sua conseqüente emancipação, as mudanças nas relações de trabalho e de produção e as transformações ocorridas no campo familiar têm colaborado para que esse ideal de masculinidade seja transposto. Contudo, ainda é longa a caminhada na superação do machismo, assim como no rompimento dos mais variados estigmas sustentados pela sociedade ocidental. O estereótipo do “machão” vai se dissolvendo lentamente, conferindo aos homens uma maior liberdade para expressar suas emoções, e assim, possibilitando a construção de uma igualdade de gênero.

Nesse cenário de mudanças, próprio do século XX, em que a autonomia sexual feminina vai crescendo, as idéias de amor romântico começam a se dissolver. A identificação projetiva, necessária para que as partes sintam-se atraídas e unam-se “para sempre”, perde o sentido com o desenvolvimento da intimidade. Na medida em que as

diferenças entre a masculinidade e a feminilidade vão perdendo força, surgem condições para o que Giddens chama de amor confluyente:

O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da idéia de amor romântico. “A sociedade separada divorciada” de hoje aparece aqui mais como um efeito da emergência do amor confluyente do que com sua causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da “pessoa especial” e o que mais conta é o “relacionamento especial” (GIDDENS, 1993, p. 72).

Um relacionamento baseado no amor confluyente pressupõe a reciprocidade na doação e no recebimento emocional. Os parceiros precisam estar em igualdade de condições para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro, o que os torna vulneráveis a esse outro. Os homens apresentam mais resistência a essa condição de vulnerabilidade, em parte devido às coações já citadas acima. No entanto, a partir do momento em que esse estado vulnerável é reconhecido, tornam-se visíveis os avanços trazidos pelo amor confluyente na superação da dicotomia de gênero (GIDDENS, 1993).

Outra característica fundamental do amor confluyente, que o diferencia do amor romântico, é a relação estabelecida com o sexo. O amor romântico admitiu as relações sexuais entre os casais, mas é no amor confluyente que elas, quando bem sucedidas no sentido de conferir prazer a ambas as partes, se tornam condição *sine qua non* para a manutenção do relacionamento. A realização do prazer sexual recíproco ganha importância para a satisfação do casal, e, na busca desta realização, são desenvolvidas e cultivadas habilidades sexuais por homens e mulheres (GIDDENS, 1993).

O amor confluyente, além de contribuir para a dissolução dos estereótipos de “mulheres respeitáveis” e “mulheres desfrutáveis”, não tem compromisso com a monogamia. A exclusividade sexual é negociada em benefício do relacionamento, ou seja, só existirá se os parceiros a considerarem desejável ou essencial (GIDDENS, 1993). Essa forma de conceber o amor é ainda emergente, já que boa parte dos relacionamentos do século XXI segue o ideal de amor romântico, embora adaptado para a realidade de hoje. As mulheres não são mais associadas estritamente ao espaço privado, ligado ao lar e à família, mas ainda são vistas com ares contemplativos. O amor confluyente está dissolvendo a idéia de que há “mulheres para casar” e “mulheres para transar”; contudo, essa associação ainda existe, e uma prova dela está no fato de muitas garotas temerem transar na primeira noite, com receio de que o garoto vá “pensar mal” delas.

O ideal de amor romântico ainda permeia grande parte dos relacionamentos, embora tenha sido relativizado, devido às transformações nas relações sociais dos últimos dois séculos. Hoje os indivíduos querem a liberdade oferecida pelo amor confluyente sem perderem a dose de eternidade e intensidade, próprias do amor romântico. Todos buscam um relacionamento, mas ninguém quer perder a sua individualidade. Em nenhuma outra época buscou-se tanto o “relacionar-se” e em nenhuma outra também houve tantos relatos de pessoas infelizes, insatisfeitas, incompletas, frustradas, ainda que sedentas de relacionamentos.

Nesse sentido, amar é estabelecer laços, mas também deixá-los frouxos, para que a vulnerabilidade não seja total e o sofrimento não seja tão grande no caso de um rompimento. Esse é o amor líquido de Bauman, um amor baseado na constante atração e repulsão, um amor que traz a segurança ao indivíduo, enquanto ser independente e auto-suficiente, e a insegurança e a ansiedade de nunca estar com alguém “por inteiro”, de nunca alcançar “o prazer total”, de nunca ultrapassar a barreira da superficialidade.

Na obra “Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos”, Bauman revela o seu descrédito no ser humano do século XXI enquanto um ser capaz de “se entregar por amor” e, assim, de viver profundamente esse sentimento. O indivíduo pós-moderno é fruto da modernidade líquida, marcada por relações fluidas e efêmeras, rápidas e intensas, realizadas na livre e imediata sociedade moderna atual:

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas as características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (BAUMAN, 2003, p. 21\22).

Ao citar o termo “a arte de amar”, Bauman está se referindo à obra de Erich Fromm, que tem o mesmo título. O pensador pós-moderno sugere que mesmo Erich Fromm, com o seu otimismo bem-intencionado em relação à crença no amor, enquanto um sentimento particularmente humano de caráter transformador e iluminador, admite que “A satisfação no amor individual não pode ser atingida sem a humildade, a coragem, a fé e a disciplina verdadeiras [...] em uma cultura na qual são raras essas qualidades, atingir a capacidade de amar será sempre, necessariamente, uma rara conquista” (FROMM, apud BAUMAN, 1957, p. vii).

Na teoria de Bauman, os atores sociais da modernidade líquida temem a vulnerabilidade e a assombrosa fragilidade do amor. Penetrar nesse terreno incerto, onde é necessário compreender, ceder e muitas vezes subjugar as próprias vontades, significa, para eles, quase uma tarefa suicida. O preço a ser pago pela construção de um relacionamento amoroso baseado em ideais que ameacem a integridade do indivíduo, enquanto ser individual, livre e relativamente seguro em sua redoma anti-envolvimentos-profundos, é muito caro e, assim, não vale a pena.

Entre as análises de Giddens e Bauman, sobre o amor na atualidade, há um abismo. Giddens poderia ser considerado um otimista, enquanto Bauman, um pessimista. Mas qual dos dois se aproxima mais da realidade? O que significa amar nos dias de hoje?

Os relacionamentos da modernidade líquida, como Bauman mesmo destaca, edificam-se no duplo e ambíguo movimento de atração e repulsão, nos quais se ganha por um lado e perde-se por outro. Mas, se analisarmos a história do amor e da intimidade, no Brasil e no mundo, não chegaremos à conclusão de que sempre foi assim? Nos “áureos tempos” do romantismo, os casamentos eram “para sempre”, cabendo às partes envolvidas conformar-se com a situação. Em compensação os homens encontravam incomparável prazer na contemplação das mulheres como objetos de desejo, e elas se sentiam acariciadas e valorizadas pelas gentilezas e pelos galanteios da corte masculina.

No início do século XX, quando a mulher conquistou o direito ao voto e à condição de cidadã, o divórcio se tornou uma prática cada vez mais comum, dissolvendo os ideais de eternidade e unicidade, próprios do amor romântico, provocando também uma abertura no terreno masculino. Aos homens foi permitida uma maior liberdade de demonstrar suas emoções, sem que essa sensibilidade correspondesse à manifestação de traços homossexuais enrustidos. Contudo, essa época de drásticas mudanças foi também marcada por muito preconceito, de ambas as partes, além de uma disputa acirrada entre os gêneros, na qual as feministas mais radicais, com sua peculiar intransigência, defendiam que as mulheres eram seres superiores aos homens, dignas de dominar o mundo.

Em pleno século XXI, mais uma vez, a lei de “ganha-se por um lado e perde-se por outro” repete-se. Há uma imensa liberdade amorosa para ambos os sexos. A cada um foi conferido o direito de escolher o parceiro que melhor lhe convier e de optar pela relação que melhor respondesse às suas necessidades e anseios, tanto no plano afetivo

como no plano sexual. Porém, os padrões do amor foram rebaixados, já que a quantidade de experiências amorosas tem mais valor do que a qualidade oferecida por elas, e a satisfação dos indivíduos com essas experiências vem se tornando cada vez mais efêmera. Então,

A súbita abundância e a evidente disponibilidade das “experiências amorosas” podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir, e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício. Pode-se até acreditar (e freqüentemente se acredita) que as habilidades do fazer amor tendem a crescer com o acúmulo de experiências; que o próximo amor será uma experiência ainda mais estimulante do que a que estamos vivendo atualmente, embora não tão emocionante ou excitante quanto a que virá depois (BAUMAN, 2003, p.19).

A teoria de Bauman tem o mérito de constatar a fragilidade dos laços humanos na ansiosa e frenética modernidade líquida, na qual o amor está nas prateleiras das grandes multinacionais, podendo ser comprado ou rifado como qualquer outra mercadoria. Mas ele se equivoca ao determinar essa forma de amar como a incontestável dominante. Como a maioria dos pós-modernos, ele é apocalíptico e incisivo em sua análise, não dando margem para relativizações. Ao expressar suas idéias com grande objetividade e difundi-las de forma alarmante, parece que Bauman segue com destreza o ritmo dessa nova ordem social que ele mesmo tanto critica.

Embora nas relações amorosas, assim como nas relações sociais de uma maneira geral, vejam-se refletidos os ideais de uma sociedade capitalista, consumista e globalizada, essas mesmas relações não operam a partir de ações e reações estanques, carregadas de alto teor de objetividade e clareza, como propõe Bauman. Os indivíduos são seres altamente subjetivos e bastante inconstantes no que diz respeito ao uso da sua racionalidade. Da mesma forma que somos (também) racionais em terrenos altamente emocionais, como o dos relacionamentos amorosos, somos emocionais em áreas da nossa vida que nos exigem atitudes mais racionais, como no campo profissional, por exemplo. Torna-se muito difícil separar esses dois impulsos, e esse é um dos aspectos que torna a vida em sociedade tão complexa e confusa, ainda que passível de compreensão.

Ademais, os sujeitos não são apenas produtos de uma sociedade globalizada, são também produtores dela. Assim como nós reproduzimos muitos dos padrões cultuados pela cultura global, somos também responsáveis pela existência de uma lógica reprodutora. Os sujeitos têm poder de agência sobre o mundo e é nessa relação *sujeito*

agindo sobre o mundo/sujeito sendo moldado por este mesmo mundo que se formam as identidades sociais e individuais.

De acordo com Sherry Ortner, o poder de *agency* está presente em todos os sujeitos sociais, pois estes são “sujeitos cognoscentes” (GIDDENS apud ORTNER, 1979, p. 144), capazes de sentir, pensar e refletir, buscando seus próprios significados. É a partir dessa agência que a autora defende o papel central da subjetividade nas relações sociais:

Em particular, eu vejo a subjetividade com a base da *agency*, uma parte necessária do entendimento de como as pessoas (tentam) agir no mundo mesmo se agem sobre elas. *Agency* não é uma vontade natural ou originária; ela é moldada enquanto desejos e intenções específicas dentro de uma matriz de subjetividade – de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente constituídos) (ORTNER, 2007, p. 380).

Admitir o poder da subjetividade, e pensar que as pessoas agem no mundo na mesma medida em que o mundo age sobre elas, significa pensar que existe um certo equilíbrio de forças guiando a vida em sociedade. É claro que esse equilíbrio é relativo e penderá mais para um lado do que para outro, dependendo da situação em que se encontrar o sujeito.

No universo MADA há elementos subjetivos fundamentais, ligados à performance das mulheres e aos modos de manifestação da sensibilidade, que tomam forma de ciúme, angústia, ansiedade, raiva, medo, etc., que, quando analisados, encaminham para a compreensão do significado de amar demais.

O “amar demais” do MADA representa uma situação extrema, na qual o apego ao ser amado e o sentimento de responsabilidade por ele são máximos, chegando ao ponto de colocar o indivíduo na posição de dependente do relacionamento e, assim, alienado de sua condição individual. O amor líquido de Bauman representa o outro extremo, caracterizando uma relação baseada no desapego ao outro e na não-responsabilidade por esse outro, na medida em que supervaloriza os ideais individualistas e os prazeres rápidos e intensos.

3 AMAR DEMAIS E O “PROBLEMA DE RELACIONAMENTO”

Como vimos na introdução, o “problema de relacionamento” surge a partir do sentimento de amar demais algo ou alguém. No MADA, ter um “problema de relacionamento” significa depender de uma relação destrutiva, que causa dor e sofrimento tanto para quem ama demais como para quem é amado.

Para desenvolver essa problemática, contarei a história de quatro mulheres – Lúcia, Ana Cristina, Clara e Luíza –, trazendo seus depoimentos integrais⁶. As respectivas trajetórias são bastante diversas, no que diz respeito ao perfil das MADAs, ao tipo de “problema de relacionamento” – marido-esposa, mãe-filho, namorado-namorada – e ao tempo de frequência no MADA, mas todas se encontram em um ponto: a busca de um “eu” individual, absoluto e soberano.

3.1 Lúcia: a “menos louca”

Início contando a história de Lúcia, atual secretária e ex-coordenadora do grupo, que frequenta o MADA há seis anos. Ela foi a fundadora dessa sede do MADA em Porto Alegre. Isso ocorreu há cinco anos. Lúcia tem aproximadamente 60 anos, é casada, tem sete filhos, dos quais quatro moram ainda com ela. Sua formação foi na área das Artes Plásticas, na qual atuou como professora durante 25 anos, tendo se aposentado recentemente.

Ao iniciar um depoimento, Lúcia sempre repete “O meu nome é Lúcia e sou uma MADA em recuperação...”. Ela orienta as companheiras a iniciarem um depoimento assim, dizendo o seu nome e a sua função ali, pois assim “você se centra em si mesma”, já que uma das etapas do tratamento é a recuperação da auto-estima. Ao colocar uma folha no chão da sala, preenchida com um enorme “EU”, Lúcia manda o

⁶ Os depoimentos foram tirados do meu diário de campo.

recado: “evite falar ‘tu’, ‘nós’ ou ‘a gente’, diga sempre ‘eu’, pois assim você se centra no seu depoimento”.

Em seguida ela começa a contar a sua história, muito rica em detalhes e quase sempre levada por um tom descontraído e jovial:

O meu nome é Lúcia e eu sou uma MADA em recuperação. Eu tô há seis anos no MADA, mas a trinta e dois anos freqüento a *Nossa Casa*, essa casa espírita maravilhosa que a gente tem aqui do lado. Quer dizer, nada há ver, né? A gente não pode falar de religião aqui, cada um tem a sua crença e a gente respeita isso. Mas a gente que freqüenta a *Nossa Casa* acredita que existe um deus amoroso que guia os nossos passos. Mas então, vejo que hoje tem gente nova, então vou contar um pouco da minha história. Eu tenho um marido maravilhoso que me ama e que eu amo muito também. Nós tivemos sete filhos, três já casados e um noivo. Todos trabalham, estudam, nunca tiveram problema com droga, bebida, nem nada, graças a deus! O problema não é com eles, é comigo mesmo. Eu sempre fui muito controladora. Criei meus filhos com rédia curta e sempre fui muito ciumenta com o meu marido. Eu queria que todo mundo andasse na linha, todo mundo igual e do meu jeito. Hoje eu vejo que isso não tava certo, que cada um é de um jeito, mas naquela época eu pensava que esse jeito era o certo. O meu marido queria uma mãe, que fizesse tudo pra ele e encontrou, porque era tudo que eu queria mesmo. Vocês acreditam que eu escolhia a roupa dele todo o dia? Até pasta de dente na escova dele eu colocava. Preparava o café, o almoço, ele não movia uma palha. Mas daí eu comecei a vir no MADA e tudo mudou, demorou um pouco, vocês não se preocupem, porque às vezes demora mesmo, mas um dia a gente começa a melhorar. Daí um dia eu acordei e resolvi: hoje eu não vou escolher a roupa dele e não vou colocar pasta na escova dele. E pronto, não fiz. Mas ele ficou louco. Me disse que então não ia trabalhar. E naquele dia não foi mesmo. No início foi meio difícil, sabe? Mas depois ele foi se acostumando. Com os meus filhos eu também já fiz reparações, já pedi desculpas e mudei o meu jeito de agir, porque eu sempre fui muito dura com eles, sabe? Tadinhos. Hoje eu vejo. Mas o que eu posso fazer? O que passou, passou, agora é bola pra frente. Hoje eu posso dizer que sou menos louca (risos). Esse é o meu depoimento. Muito obrigado por terem me ouvido.

Quando Lúcia diz que hoje é “menos louca”, fica claro que ela não se considera totalmente recuperada do “problema de relacionamento”. Apoiada nos preceitos de Robin Norwood, ela acredita que amar demais é uma doença que, embora não tenha cura, é possível de tratar e assim aprender a conviver com ela de forma “saudável”. Em outro depoimento, ao relatar uma história cotidiana do seu passado, Lúcia atenta para “o nível da sua doença”:

Ai gente, eu era tão doente, coitado do meu marido. Eu não deixava ele jogar futebol, sair com os amigos, nem nada, só podia ir – sem mim – da casa pro trabalho e do trabalho pra casa. E vocês acreditam que até no trabalho eu controlava? Quando eu tava grávida da Kátia (segunda filha) eu pedia pra ele me avisar a hora certa que ele ia sair do trabalho e me mandava pra lá, grávida de sete meses e com o Mateus (primeiro filho) no colo. Eu ficava escondida só pra ver se ele ia sair sozinho e ia direto pra casa. Daí quando ele saía eu pegava um táxi e ia voando para casa, pra chegar antes dele. Quando ele ia trabalhar de carro, eu pedia pro taxista seguir o carro dele, só pra eu ter certeza de que ele ia direto pra casa. Hoje eu acho até graça, mas na época era tão triste (...)

Lúcia se identifica com o perfil da MADA controladora criado por Robin. Para ela existem dois perfis de MADA: a controladora e a submissa. Na primeira categoria encaixam-se mulheres autoritárias, articuladoras e rígidas. Essas mulheres gostam de jogar, sendo prestativas apenas para “dar o bote”. No segundo perfil, que segundo Robin é o mais comum de encontrar, estão as “prestativas de verdade”, as altruístas e carinhosas ao extremo, que fazem qualquer coisa pelo ser amado.

Nessa concepção, o fator comum entre os dois modelos é a dependência do relacionamento e a baixa auto-estima decorrente da dependência. Robin também defende que as MADAs vêm de “lares desajustados”, com pais alcoólatras e/ou mães relapsas, que não deram o devido amor que uma criança necessita para se tornar um adulto saudável. Essa criança foi sobrecarregada, pois teve de “segurar a barra” dos pais, e com isso internalizou sentimentos de responsabilidade pelo outro e, conseqüentemente, de descaso por si mesma. Então, na fase adulta, essa mulher vai buscar o resgate daquele amor, negado na infância, por meio do apego excessivo aos seus relacionamentos.

Os estereótipos criados por Robin e seguidos pelas MADAs não dão conta da riqueza e complexidade dos casos que acompanhei durante a pesquisa. Os depoimentos de Lúcia mostram que em muitos momentos ela agia de forma controladora e autoritária, mas ao mesmo tempo ela também se submetia ao marido quando fazia todas as suas vontades, chegando ao ponto de escolher a roupa dele e colocar pasta na sua escova diariamente.

Nos casos que apresentarei a seguir poderemos constatar a peculiaridade das histórias de vida e a importância do centramento no “eu” como estratégia básica no tratamento proposto pelo MADA.

3.2 A relação intempestiva de Clara e Otávio

O problema de Clara também é amar demais um homem, mas a sua história é bem diferente da história de Lúcia. Clara tem 38 anos, é separada do marido, vive com o sobrinho de oito anos, que ela cria, e trabalha em um escritório. Ela tem um relacionamento com Otávio há 16 anos, um homem mais velho e casado. Ele foi seu professor na faculdade e desde aquela época eles mantêm essa relação. Ele mora com a esposa e uma filha de 21 anos, que é a sua paixão e, segundo Clara, é também o motivo

pelo qual se nega a separar-se da atual esposa, pois teme perder o amor, o respeito e a admiração da filha.

Há aproximadamente alguns meses, Clara decidiu que não levaria mais adiante esta relação. Estava cansada de sofrer por causa de Otávio. Ela diz que não foi criada para ser “a outra” e que, se ele se recusa a separar-se da mulher, que inclusive sabe da existência de Clara e a ameaça constantemente por telefone, esta se nega a manter essa relação. Dessa forma, parou de atender os telefonemas de Otávio e diz não querer mais saber dele enquanto ele não se divorciar da mulher. Em suas próprias palavras:

Pra mim tá decidido, eu não quero mais viver nessa loucura, eu já perdi muito tempo da minha vida nessa história. Eu já tenho 38 anos, chega! O problema é que a minha vida se tornou outro inferno desde que eu tomei essa decisão, porque o Otávio me liga insistentemente, vai pra frente do meu trabalho, fica horas lá plantado! Vai também pra frente da minha casa, me segue, incomoda os meus pais e os meus amigos a qualquer hora do dia. Esses dias eu tive que atender o telefone, porque eu também não quero que ele fique falando da gente pra minha família, não quero que ele me exponha desse jeito. Olha... Eu vou te dizer... Esse homem tá infernizando a minha vida. Mas se ele pensa que eu vou voltar atrás ele tá muito enganado. Eu vejo que ele gosta muito de mim e eu amo muito ele, sabe? O amor que eu sinto por ele é o mesmo de 15 anos atrás, mas chega dessa vida! Eu quero um homem pra viver comigo, tomar café de manhã, dormir junto toda noite, eu não fui criada pra viver assim. Agora eu tô indo na psiquiatra, tomando medicação, que tá me ajudando muito, eu tô menos ansiosa, mas bem mais ciente do que eu quero pra mim. Também tô vindo aqui. Eu tô me tratando, ele que vá se tratar também se quiser continuar comigo!

Todos os depoimentos de Clara no MADA são muito semelhantes. Ela diz estar decidida a não querer mais viver nessa “loucura”, embora em alguns momentos a sua fala demonstre a esperança de poder viver essa relação com o homem que ela ama. Ao mesmo tempo em que ela diz ter perdido anos da sua vida nessa história, admite que o amor que sente por ele é o mesmo de 15 anos atrás.

Clara tem se mostrado resistente a esse amor, pois está ciente do que quer para si. Ela não se satisfaz mais em ser “a outra” e como ela mesmo diz: “eu não fui criada para viver assim”. Parece que nesse momento honrar a família que a criou torna-se mais forte do que o amor pelo amante. Ela reforça essa idéia ao demonstrar vergonha pela maneira como Otávio a expõe em relação à família, desde que ela resolveu romper o relacionamento. Mas nos depoimentos de Clara também está presente o despontar do amor próprio como prioridade, quando ela diz estar ciente do que quer para si, além de não se mostrar intimidada com as recorrentes procuras do amante.

3.3 O centramento no “eu” e o ideal individualista

A partir da análise dos depoimentos de Lúcia e Clara torna-se manifesta a estratégia de tratamento principal do MADA: o centramento no “eu”. Centrar-se no “eu” significa priorizar-se e assim recuperar a auto-estima perdida. Muitas vezes, em seus depoimentos, Lúcia relata:

Eu preciso me amar, me cuidar em primeiro lugar. A mulher que ama demais não é mal-amada, como muitos pensam, eu não sou mal-amada, eu sou sim muito bem-amada pelo meu marido. O problema da mulher que ama demais é que ela se ama de menos.

De acordo com Robin, o uso do “EU” ajuda a lembrar que somos pessoas individuais e não extensões de outras pessoas – pais, mães, filhos ou maridos. Nós temos as nossas necessidades, vontades e anseios peculiares, que muitas vezes não confluem com as carências e os desejos das pessoas que amamos, e daí surgem os conflitos. Robin lembra que as mulheres que amam demais, se amam “de menos”, e começar a pensar em si antes de pensar no outro se torna um exercício diário na busca da solução do “problema de relacionamento”, que tanto pode encaminhar para a “salvação”, como para o rompimento da relação.

A concepção de Robin conflui com o ideal individualista cultuado pela sociedade ocidental contemporânea. Amar-me em primeiro lugar significa compreender que eu sou um indivíduo único, independente e soberano. Num segundo momento, amar-me também é perceber que o outro é igual a mim em direitos e deveres, na medida em que todos somos livres para ir e vir, mas as liberdades individuais devem ser preservadas. O princípio da igualdade, aliado ao princípio da liberdade, compõe a lógica individualista e, de acordo com Dumont,

A humanidade é constituída de homens, e cada um desses homens é concebido como apresentando, apesar de sua particularidade e fora dela, a essência da humanidade. Esse indivíduo é quase sagrado, absoluto; não possui nada acima de suas exigências legítimas; seus direitos só são limitados pelos direitos idênticos dos outros indivíduos (DUMONT, 1997, p. 53).

O ideal individualista supõe que devemos nos guiar pelos princípios de igualdade e de liberdade, pois o respeito pelo outro é fundamental para a harmonia da vida em sociedade. Ver o outro como um igual significa, nesse sentido, aprender a conviver com as diferenças sem deixar de partilhar as semelhanças. O individualismo parece apontar para um comprometimento com o outro, mas esse comprometimento só

existe no sentido de preservar a minha liberdade, na medida em que eu só posso exercê-la se respeitar a liberdade alheia.

A partir da estratégia de centramento no “eu”, as MADAs passam a substituir o desejo de possuir o outro pelo desejo de possuir a si mesmas. Esse jogo de poder está sempre presente no relato das MADA, na medida em que o controle de si é considerado a chave para o equilíbrio e para a harmonia da vida em sociedade. Mas o que significa o controle de si? Como se dá o domínio do próprio corpo?

Foucault, ao discutir o papel das relações de poder no desenvolvimento do governo de si, nos diz:

Como sempre, nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética. O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio (FOUCAULT, 1979, p. 146).

Assim, dominar o próprio corpo, o *locus* representacional das emoções, significa ver os esforços realizados por si mesmo refletidos no corpo e também na mente. Ao invés de investir no corpo físico por meio das estratégias citadas por Foucault, as MADAs investem no corpo emocional, buscando maneiras de deslocar o amor sentido pelo outro para si. A representação de “se cuidar” e “se amar”, para as MADAs, está ligada a fazer “programas” sozinhas, como “se levar ao cinema”, ir ao mercado e comprar as coisas que elas gostam de comer e não as comidas de que o ciclano ou o fulano gostam, enfim, aprender a “se curtir”, aprender a se divertir sem depender do outro, como mostra o depoimento abaixo:

O meu nome é Luíza. Faz só um mês que eu tô vindo aqui, mas já tô notando muita diferença no meu comportamento. Sexta eu cuidei de mim. Fui no cinema sozinha, depois fiquei andando pelo shopping bem tranqüila, sem pressa, olhando todas as vitrines, comi um lanche no Mac e depois fui pra casa. Bah... isso me fez um bem, vocês tinham razão, é muito bom perceber que a gente pode ficar na companhia da gente mesma e se sentir bem. No sábado eu fui numa festa com o meu namorado e, como vocês já sabem, eu sou muito ciumenta, muito possessiva e egoísta também, até por isso que eu não gosto de ir em festas com ele, porque qualquer guria que se aproxima eu já morro de ciúme e se bobear faço um escândalo ali mesmo, mas nesse dia eu pensei ‘vou tentar não fazer isso’. No fundo eu achava que eu não ia me divertir nada, mas fui na festa assim mesmo, porque o meu namorado queria muito ir e eu achei que não custava nada. E não é que aconteceu o contrário? A gente dançou a festa inteira, se divertiu um monte e eu voltei pra casa trífeliz. No domingo a gente encontrou a ex dele, aí que raiva, aquela guria é uma nojenta, mas eu me segurei e consegui sair por cima, e nem briguei com ele, se fosse em outros tempos eu já teria feito ficado furiosa e teria ido correndo pra casa chorando, mas dessa vez foi diferente, sabe? Quando ele me deixou em casa eu fiquei pensando ‘porque eu sinto tanto ciúme

dela se eles não tem mais nada?’ Se ele ainda gostasse dela, não tava namorando comigo, né? Daí mais tarde ele me ligou e eu falei que tinha pensado em todas essas coisas e tal e daí ele disse que tava muito feliz e que gostava muito de mim, daí eu fiquei feliz, né? Hoje é isso, obrigada por terem me ouvido.

Luíza, 20 anos, seguiu o exemplo das companheiras do MADA e experimentou “se curtir” por um dia. Esse primeiro passo parece ter desencadeado o processo de desapego ao ciúme e à possessividade que sentia pelo namorado, pois ela conseguiu se divertir num ambiente em que costumava sentir-se insegura e também se controlar numa situação que comumente apresentava perigo.

A satisfação decorrente dessas “vitórias pessoais” confere às MADAs uma sensação de onipotência, muito parecida com a de uma menina gorda – para os padrões de beleza atuais – que consegue emagrecer 5Kg, ou com o sentimento de um sujeito magro que se torna forte através da musculação. Esse poder está ligado a uma necessidade de afirmação, um desejo de ser aquilo que os outros esperam que eu seja. É aí que o poder se desloca do sujeito para a sociedade, pois esta conduz os indivíduos a se adequarem a padrões estéticos e emocionais que ela própria dita, de modo que todos devem se adaptar ao sistema proposto por essa ordem.

Hoje, o controle exercido pela sociedade é mais sutil e mascarado do que no passado, quando havia coação e repressão diretas para enquadrar todos na mesma lógica, mas nem por isso o controle é menos efetivo. Temos aqui uma nova forma de poder, na qual “(...) encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’” (FOUCAULT, 1979, p. 147).

Da mesma forma que há estratégias para controlar a sexualidade, há estratégias para controlar as emoções. O MADA aparece aqui como uma instituição social preocupada em padronizar o amor, fazendo com que todas amem da mesma forma, forma esta considerada certa e saudável. Há um consenso no MADA de que “Quando amar é sofrer, significa que estamos amando errado”. O “amar certo”, ancorado em princípios individualistas, é construído a partir de uma visão naturalista e idealizada do amor, que o considera um sentimento natural, universal e sempre positivo para os sujeitos.

No entanto, a partir da análise traçada até então, pode-se perceber que o amor não é um valor em si mesmo e, por isso, pode ser sentido, significado, demonstrado e pensado das mais variadas formas, nas mais variadas culturas. Para a cultura

individualista, o amor tem limites bem definidos e o principal deles está na percepção e aceitação de que o outro tem os mesmos direitos que eu. Assim, os ideais de liberdade e igualdade devem ser rigorosamente respeitados, pois são sagrados, e o sucesso da relação depende disso.

Durante o processo de recuperação as MADAs começam a perceber o outro enquanto um ser também individual e independente, como demonstra o depoimento abaixo:

O meu nome é Ana Cristina e eu sou uma MADA em recuperação. Eu queria dizer hoje como tá sendo importante pra mim seguir os lemas do MADA. Quando eu digo ‘pense’, ‘mantenha a calma’, ‘um dia de cada vez’, ‘viva e deixe viver’, eu consigo manter a tranquilidade e seguir adiante. A gente não pode esperar dos outros o que a gente mesmo pode fazer. Antes, sempre que eu queria dar um passeio eu chamava o João, meu filho, pra ir junto. Às vezes ele nem tava a fim de ir, sabe? Mas ia só por obrigação, pra eu não ficar chateada. Mas hoje eu vejo que ele é um adolescente que tem as coisas dele pra fazer, não tem obrigação nenhuma de me acompanhar. Eu percebi que não é só a minha vontade que importa, o João também é uma pessoa, separada de mim, ele tem uma vida pra viver e eu tenho que viver a minha vida. Eu não tenho nada que querer que ele faça tudo comigo, ele não é meu marido, nem meu melhor amigo, ele é meu filho. Eu me dei de conta que eu que tenho que cuidar de mim, me amar, sair sozinha ou com amigos, sem depender dele pra tudo. Obrigada por terem me ouvido.

Ana Cristina, atual coordenadora do MADA, é uma dona de casa de 48 anos, divorciada, com dois filhos, dos quais só um mora com ela, o caçula João Francisco, que é também o alvo do seu “amor demais”. Ana Cristina é dependente do filho desde o nascimento dele. Ela conta que, quando o médico colocou o menino nos seus braços, ela o amou mais do que tudo nessa vida e passou a se dedicar só a ele, esquecendo de si, do marido e da outra filha. O marido pediu a separação, pois ela *não dava bola pra ele*, e a filha seguiu o mesmo caminho, quando resolveu casar e se mudar para Santa Catarina.

Desde que chegou ao MADA, Ana Cristina busca uma nova identidade, pois não considera saudável esse seu amor excessivo pelo filho. Essa nova identidade é mais independente, segura de si e comprometida com os seus gostos, desejos e necessidades:

O meu nome é Ana Cristina e eu sou uma MADA em recuperação. Pra quem não conhece a minha história eu tenho um filho maravilhoso. Muito querido mesmo e muito compreensivo também. Ele é a paixão da minha vida. Eu amo, venero, idolatro ele! Mas eu sei que isso não tá certo [pausa – seus olhos querem lacrimejar, mas ela se segura]. Hoje eu posso dizer que tô um pouquinho melhor. Já tô me dando de conta do mal que eu faço pra mim e pra ele com esse amor obsessivo. Claro que eu ainda não tô curada né? Mas já tô cuidando um pouco mais de mim. Hoje eu vou no supermercado e penso assim: o que a Ana Cristina gosta de comer? Antes eu só comprava as coisas que o João Francisco gostava, só me preocupava com ele, mas hoje é diferente. Antes eu pensava que quando o João trouxesse uma namorada aqui em casa eu ia fazer de um tudo pra agradar ela, pra que ela gostasse de mim e nunca afastasse o João de mim, mas hoje eu me dou de conta que não pode ser assim. Porque eu posso não gostar dela,

tomara que eu goste, mas eu não tenho a obrigação de gostar, ele é que tem que gostar dela e ela dele, né? E tem que ser assim. Eu penso sabe? Vai chegar um dia que ele vai abrir a porta e vai embora e como é que vou ficar? Eu tenho que aprender até lá que o João é uma pessoa separada de mim, livre pra fazer o que bem quiser. Agora eu vou deixar de comer e cuidar de mim porque o João Francisco foi embora? Não mesmo, eu tenho que cuidar da Ana Cristina. Hoje eu até já penso em encontrar *uma pessoa* sabe? Antes eu só pensava na comida de João Francisco, na roupa do João Francisco, e onde será que o João Francisco tá que ainda na chegou em casa ou porque ele tá tão quieto no quarto, será que ele tá bem? Hoje não, hoje eu cuido da Ana Cristina, penso primeiro na Ana Cristina. Tento pensar ao menos, né? [risos]. Esse é o meu depoimento. Muito obrigado por terem me escutado.

Um ponto interessante de se analisar nesse depoimento diz respeito ao distanciamento entre a mulher que ama demais e a Ana Cristina. A mulher que ama demais faz tudo pelo filho, vivendo a vida dele e deixando de viver a sua. A Ana Cristina é uma outra mulher, mais independente e segura de si. A MADA em questão está no limbo entre essas duas pessoas, buscando uma nova identidade, capaz de dar conta desses novos anseios, preocupações e desafios. Ana Cristina não quer mais ser aquela mulher obcecada pelo filho, mas ainda não é a Ana Cristina segura e auto-suficiente, idealizada no depoimento.

Nos relatos de Ana Cristina e de Luíza, assim como em tantos outros, podemos perceber o processo de transformação pelo qual passaram essas mulheres, que toma a forma de um desapego à antiga identidade de MADA. O encontro desse novo “*eu*” confere a elas uma sensação de satisfação e alívio, pois elas passam a se sentir parte de uma sociedade na qual os valores de igualdade e liberdade são essenciais. Esse sentimento de pertencimento torna-se fundamental no combate à solidão que as MADAs relatam sentir:

Uma MADA se fecha para o mundo quando está no auge da doença, e assim ela se sente muito só. (Lúcia)

A vida de uma MADA que não procura ajuda é preto-e-branco, não tem cor, não tem vida. (Ana Cristina)

A análise dessas narrativas remete novamente à noção de distanciamento e engajamento de Elias. A busca por uma nova identidade, através do “amar-se em primeiro lugar”, provoca um distanciamento do “problema de relacionamento”, facilitando o desenvolvimento da capacidade de reflexão e ação sobre o problema.

Recuperar-se do “problema de relacionamento” e aprender a “amar certo” significa “se abrir para o mundo e ganhar vida”. O progresso no MADA encaminha para uma identificação com as pessoas que “amam na medida certa”, respeitando, assim, os valores individualistas. Amando de maneira “saudável”, as MADAs sentem-se incluídas

nessa lógica, sentem-se parte de um todo; elas passam a se encaixar no padrão da *normalidade*.

A ideologia individualista representa aqui as formações culturais que moldam os sujeitos – ainda que estes sejam também responsáveis por essa moldagem. Essa lógica reconfigura, ordena e dá sentido às relações amorosas. A solução para a dependência de relacionamento no MADA está na autonomização desses sujeitos, concedendo a eles a possibilidade de reescrever a narrativa do “eu”, através da construção de uma nova identidade, baseada numa noção de pessoa individual e independente.

4 AMOR, FEMINISMO E SUBJETIVIDADE

4.1 Mulheres ideais: independentes, equilibradas e insubordináveis

Como vimos no capítulo anterior, o ideal de amor “saudável” está associado aos ideais da lógica individualista, baseada em uma noção de pessoa individual, autônoma e absoluta. No processo de recuperação, as MADAs reescrevem a sua narrativa do “eu”, a partir dos *preceitos sagrados* de igualdade e de liberdade, na tentativa de inserir-se no grupo dos *indivíduos*.

No entanto, a busca por uma nova identidade, a construção de um “eu” que se ama e se cuida em primeiro lugar, também está ligada ao desejo de pertencer a um grupo mais restrito. Ser uma mulher que ama demais não significa apenas não ser uma *pessoa individual*, significa também não ser uma *mulher ideal*.

A *mulher ideal* é independente – emocional e financeiramente –, prioriza a carreira profissional, mora sozinha e, muitas vezes, não tem filhos. Além de ocupar o espaço privado, ela ocupa o espaço público, lugar do trabalho, da política e de tudo que foge à esfera doméstica. A *mulher ideal* não está sujeita à dominação masculina, pois ela é igual ao homem em capacidades e direitos.

Este ideal de mulher ainda está longe de ser alcançado como padrão na sociedade ocidental contemporânea, embora a grande maioria das mulheres – particularmente as feministas – adoraria que ele correspondesse à realidade. O que de fato ainda existe é uma desigualdade de gênero, na qual as mulheres são inferiorizadas e subordinadas aos homens. No entanto, muitas conquistas já foram obtidas. As mulheres saíram de casa, entraram no mercado de trabalho, conquistaram a liberdade de escolher o parceiro – e a relação – que lhes convier e hoje reivindicam o direito de não quererem ser mães ou esposas.

A maioria das MADAs não almeja o sucesso profissional ou sonha com uma vida sem matrimônios ou filhos, mas está implícito que elas gostariam de ter essa opção.

Ademais, depender emocionalmente de um homem significa estar subordinada a ele, em quase todos os sentidos. A busca por uma nova identidade de mulher também é trabalhada a partir da estratégia de centramento no “eu”. Quando Lúcia diz que em um dado dia decidiu não mais escolher a roupa do marido e colocar pasta na sua escova diariamente e que, ao invés disso, resolveu “se curtir”, “se cuidar” e “se amar”, ela quer dizer que aprendeu a não viver mais “em função do outro”. Ela passou a encontrar prazer na companhia de si mesma e a se valorizar enquanto indivíduo e enquanto mulher.

Os ideais do movimento feminista estão intrinsecamente ligados aos ideais da lógica individualista, pois partem dos mesmos princípios de igualdade e de liberdade. A almejada igualdade entre homens e mulheres surge na medida em que as mulheres reivindicam o direito à individualidade e à autonomia. Assim, ser mulher significa, antes, ser indivíduo. Se as mulheres continuam lutando por direito iguais, pois a dominação masculina ainda é uma constante, significa que elas não são consideradas plenamente como indivíduos. Talvez sejam vistas como indivíduos secundários ou menos importantes. Houve avanços nesse sentido nas últimas décadas, mas os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres continuam bem delimitados, sobretudo para pessoas ligadas às camadas médias, como as frequentadoras do MADA.

Para entender melhor a subordinação feminina e problematizar o ideal de mulher buscado pelas MADAs, apresentarei a contribuição teórica de duas autoras feministas: Sherry Ortner e Nancy Chodorow.

4.2 A luta pela igualdade a partir de uma análise cultural da subordinação

A antropóloga Sherry Ortner, no artigo “Está a Mulher para o Homem Assim Como a Natureza para a Cultura?”, se ocupa em compreender por que o *status* secundário feminino é uma das verdades universais, tendo expoentes em sociedades de todo grau de complexidade; como ela mesmo diz, “é um fato pan-cultural”:

(...) estamos frente a algo muito profundo e inflexível que não podemos desenraizar simplesmente reclassificando algumas tarefas e papéis no sistema social, ou mesmo reordenando toda a estrutura econômica. Neste artigo tento expor a lógica subjacente do pensamento cultural que assume a inferioridade feminina, tento mostrar a natureza altamente persuasiva da lógica, pois se não

fosse tão persuasiva, a pessoas não permaneceriam de acordo com ela” (ORTNER, 1979, p. 95/96).

Para Ortner a desvalorização das mulheres está, primeiramente, apoiada no determinismo biológico, que vê os machos como naturalmente superiores, pois eles têm “algo” que falta às fêmeas. Ironicamente, ela coloca que este “algo” que falta é convertido em subordinação, mas é recompensado com o *dom feminino* de dar à luz e amamentar as crias, experiências *sublimes*, que deveriam ser consideradas as mais satisfatórias na vida das mulheres.

A maternidade, e tudo que envolve a condição de ser mãe – a menstruação, a amamentação, o suposto *instinto* de proteção e cuidado –, torna-se o principal argumento na identificação das mulheres enquanto seres mais próximos da natureza. E, como ao homem não foi conferido esse poder de dar a vida e zelar por ela, cabe a ele a criação artificial por meio de símbolos e tecnologias. Assim, o homem seria um ser mais cultural e menos natural, capaz de agir no mundo através da criação e transformação dos sistemas de significados; a mulher estaria na outra ponta, seria um ser natural e menos cultural, responsável pela procriação e cuidado do lar (ORTNER, 1979).

A subordinação feminina corresponde aqui à subordinação da natureza à cultura, na medida em que o homem se considera dono daquela, acreditando poder dominá-la e manipulá-la através dessa. No entanto, Ortner admite exceções à regra e relativizações, esclarecendo também os conceitos utilizados:

Agora as categorias de “natureza” e “cultura”, certamente são categorias conceituais – não se pode encontrar limite no mundo concreto entre os dois estados ou domínios do ser. Não há dúvida de que algumas culturas estipulam uma posição muito mais forte entre as duas categorias, que outras – e tem até sido questionado que povos primitivos (alguns ou todos) não vêem ou intuem nenhuma diferença entre o estado cultural humano e o estado da natureza. Contudo, eu sustentaria que a universalidade do ritual exprime uma afirmação em todas as culturas, a respeito da habilidade especificamente humana de agir sobre ela e de regulá-la, ao invés de passivamente mover-se com e ser movida pelos atributos de existência natural” (ORTNER, 1979, p. 100/101).

É claro que a mulher também é vista como participante ativa do processo cultural, porém ela está numa ordem de cultura inferior ao homem e aparentemente um tanto constrangedora. Ao mesmo tempo, a mulher não pode ser totalmente destinada à natureza, pois uma breve avaliação do contexto doméstico nos mostra que ela poderia ser encaixada na categoria cultural. A mulher é a responsável pela socialização precoce do filho, ensinando-lhe maneiras e meios adequados de comportamento, a fim de *prepará-lo* para a fase adulta. Mas este fato parece ser esquecido, pois o que fica é o

momento em que a socialização dos rapazes é transferida para o homem (ORTNER, 1979). Quando se trata de filhas mulheres a lógica não muda muito, pois os principais valores – éticos, morais e ligados aos bons costumes – são passados pelo pai, mesmo considerando a grande identificação presente na relação mãe-filha.

Outra questão fundamental levantada por Ortner, que conflui com os interesses particulares do presente trabalho, está no plano da subjetividade. As mulheres são tidas como mais emocionais, sendo envolvidas por sentimentos concretos, objetos e pessoas ao invés de entidades abstratas; assim, elas tenderiam mais para a personalização e para a particularização, sendo mais suscetíveis à dependência de relacionamentos.

Nancy Chodorow, em seu artigo “Estrutura familiar e personalidade feminina”, do mesmo livro, conclui que as mulheres vivem experiências de forma relativamente imediata, interpessoal e subjetiva em oposição aos homens, que vivem suas experiências de maneira distante, individualista e objetiva. Chodorow defende que, em qualquer sociedade, a personalidade feminina define-se em relação e conexão com outra pessoa, mais do que a personalidade masculina.

O debate proposto por Sherry Ortner e Nancy Chodorow tem o mérito de constatar que a subordinação feminina é difícil de ser superada, pois há uma lógica assustadora – calcada em determinismos biológicos – que justifica os papéis sociais destinados à mulher, na medida em que ela é vista como mais próxima da natureza se comparada ao homem e sua criação é diferenciada, de forma que ela desenvolve uma personalidade voltada para a personalização e para a particularização. No entanto, a suposição de que essa lógica está assentada em uma subordinação da natureza à cultura é um tanto quanto simplista. Ademais, muitas mudanças ocorreram nas últimas décadas. Hoje, as mulheres são mais valorizadas enquanto indivíduos e o preconceito diminuiu consideravelmente. Atualmente, as mulheres ocupam cargos em todos os poderes, do legislativo ao executivo, e sua independência financeira e emocional está aos poucos sendo conquistada.

4.3 O recorte de gênero do MADA, suas implicações e subjacências.

Em primeiro lugar, faz-se manifesta a pergunta que não quer calar: Por que *mulheres que amam demais*? E junto com elas, outras se fazem necessárias: Qual o objetivo de delimitar o gênero, considerando que nenhum outro grupo de auto-ajuda o

fez? O que está subjacente na formação de um grupo de Mulheres que Amam Demais e quais as implicações da existência deste grupo enquanto uma instituição social para mulheres?

Aliando o pensamento de Ortner, Chodorow e Giddens, concluímos que as mulheres desenvolveram culturalmente habilidades para lidar com o lado emocional. Elas foram ensinadas a viver no espaço doméstico e acabaram por internalizar modos de sentir, agir e pensar que condissessem com as expectativas criadas pela sociedade em relação a elas; desenvolveram os domínios da intimidade; e passaram a ter mais facilidade de expressar a suas emoções, se comparadas aos homens.

Tudo isso contribuiu para que algumas mulheres tomassem a iniciativa de criar um grupo de auto-ajuda que tivesse como “objetivo primordial” a recuperação de mulheres dependentes de relacionamentos. As mulheres também aprenderam a ser mais solidárias e cooperativas, capazes de estabelecer alianças e redes familiares sólidas e duradouras. Ao dividir suas emoções no MADA, elas mostram o seu potencial solidário e acabam por influenciar positivamente as companheiras.

Entretanto, sob essa idéia de que há uma identificação entre as mulheres e que as trocas são muito proveitosas justamente porque elas “se entendem”, pois vivem experiências semelhantes e têm facilidade para compartilhá-las, está implícito mais um pressuposto que contribui para a manutenção da desigualdade de gênero. Robin Norwood, além de estimular as MADAs a dividirem as suas emoções com suas semelhantes, aconselha-as a procurar uma terapeuta do mesmo sexo, pois “ninguém melhor que uma mulher para entender outra mulher”.

Esse contexto lembra-me muito a época em que as meninas estudavam em escolas – de freiras – separadas dos meninos – de padres – e está muito ligado aos perigos do contato entre homens e mulheres, no qual mais uma vez estas são inferiorizadas, associadas a símbolos femininos destrutivos (bruxas, mau-olhado, contaminação menstrual, mães castradoras) ou subversivos (a pecaminosa, a pervertida, a prostituta).

Essa discriminação pretende afirmar as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres, colocando cada qual no seu devido lugar. Uma vez indaguei a Lúcia – a coordenadora do MADA – sobre a delimitação de gênero do grupo, e ela me respondeu:

A gente já tentou formar um grupo de homens que amam de mais, sabe? Mas é difícil... eles, quando aparecem – porque tu sabe como é homem, né? – não se organizam e a gente não pode fazer tudo por eles.

O que está implícito nesse relato é que Lúcia não considerou a possibilidade de haver homens dentro do grupo MADA, apenas narrou a dificuldade que eles têm de “se organizar” e o quanto elas tentam ajudá-los nessa tarefa. A idéia de que apenas as mulheres precisam dividir os seus sentimentos e emoções está tão enraizada que, provavelmente, ela nunca pensou na possibilidade de existir um grupo de pessoas que amam demais.

Quando Lúcia diz “Tu sabe como é homem, né?” está subentendido que os homens são muito diferentes das mulheres nos quesitos pontualidade, assiduidade e modo de expressar os seus sentimentos. Ao dizer que “eles não se organizam” e que elas “não podem fazer tudo por eles”, está clara a idéia de que as mulheres conduzem os homens, assumindo o papel da mãe que é responsável pela socialização da criança nos seus primeiros anos de vida.

A reprodução das diferenças – e desigualdades – entre os gêneros não é nenhuma novidade, no entanto chama a atenção uma discriminação dentro do MADA, que talvez possa ser encontrada em muitas das situações que envolvem emoções. O fato de Lúcia não ter sequer cogitado a possibilidade de haver um grupo de pessoas que amam demais, formado por homens e mulheres, torna evidente a distância que ainda separa homens e mulheres quando o assunto é amor e todos os sentimentos que o envolvem quando é diagnosticado o “problema de relacionamento” (ciúme, inveja, medo, intolerância, desconfiança, culpa, sofrimento).

Se analisarmos uma relação amorosa qualquer, também perceberemos as diferenças existentes entre o imaginário emocional masculino e o feminino. Fala-se que as mulheres são naturalmente mais complexas e difíceis de entender e que elas possuem uma misteriosidade inerente. Já em relação a *eles*, sabe-se que não gostam de discutir a relação e que “caem fora” quando se sentem pressionados, pois a idéia de que os homens têm uma alma naturalmente livre é reproduzida constantemente. Enfim, homens parecem ser naturalmente e universalmente diferentes – e, de certa forma, distantes – das mulheres.

Nesse sentido, o MADA reproduz esse sistema discriminatório e, dessa forma, seus ideais podem se tornar contraditórios, já que as MADAs também buscam uma identidade de mulher independente e igual ao homem – no que diz respeito a capacidades, oportunidades e desejos. Em muitos depoimentos fica claro que elas não se satisfazem em serem donas-de-casa, mães e esposas, elas também querem ser *mulheres*. No entanto, torna-se pertinente considerar que as pessoas (individuais) e as instituições

(sociais) não são coerentes o tempo inteiro, e isso ocorre, em parte, pelo fato de sermos, ao mesmo tempo, produtos e produtores da cultura em que vivemos.

4.4 Subjetividade, cultura e *agency*

Assim como Sherry Ortner e Anthony Giddens, entendo que as pessoas agem no mundo ao mesmo tempo em que o mundo age sobre elas, ou seja, os sujeitos são moldados pela cultura, mas também são responsáveis por essa moldagem. Nas palavras de Ortner:

Em particular, eu vejo a subjetividade com a base da *agency*, uma parte necessária do entendimento de como as pessoas (tentam) agir no mundo mesmo se agem sobre elas. *Agency* não é uma vontade natural ou originária; ela é moldada enquanto desejos e intenções específicas dentro de uma matriz de subjetividade – de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente constituídos) (ORTNER, 2007, p. 380).

O poder de *agency* está presente em todos os sujeitos sociais, pois estes são “sujeitos cognoscentes” (GIDDENS, 1979), capazes de sentir, pensar e refletir, buscando seus próprios significados. Ortner chama atenção nesse artigo – “Subjetividade e crítica cultural”, publicado na revista Horizontes Antropológicos – para o fato de que a questão da subjetividade foi “deixada de lado” pela maioria dos grandes pensadores das ciências sociais – como Marx, Durkheim, Lévi-Strauss, Bourdieu e Sahlins – e alerta para uma tendência de minimizar essa questão. Para ela, “Geertz foi o único dos grandes pensadores sociais e culturais a tratar da questão da subjetividade no sentido discutido aqui, e devemos dar séria atenção ao seu trabalho” (ORTNER, 2007, p. 381).

A teoria da cultura de Geertz é vista por Ortner como “uma teoria da cultura especificamente voltada para a subjetividade”, que se propõe a dar conta de questões que a autora considera fundamentais para a compreensão do sujeito enquanto ser significado e significante no meio social:

Geertz argumentava que a cultura deveria ser entendida como formas simbólicas públicas, formas que tanto expressam como modelam *significado para os atores* engajados no fluxo contínuo da vida social. E embora a idéia de “significado” também possa se dispersar em várias direções diferentes, o interesse específico de Geertz tem sido nas formas de subjetividade que os discursos e práticas sociais tanto refletem como organizam. O que nos leva de volta à subjetividade e consciência (ORTNER, 2007, p. 384).

A contribuição de Geertz trazida por Ortner faz-se relevante, pois a subjetividade está presente em todas as ações dos sujeitos sociais, influenciando suas condutas constantemente. Para uma etnografia que se propõe a compreender os significados de amar demais para integrantes de um grupo de auto-ajuda que pretende recuperar mulheres dependentes de relacionamentos, pensar a subjetividade como agente ativa na formação, criação e concretização de práticas culturais torna-se ainda mais relevante.

Defendo, assim, que os signos atribuídos ao “amar demais”, representando-o enquanto um sentimento “errado”, não saudável, doentio e responsável pela dependência de relacionamento, são formados, em parte, pela *agency*. Ela conduz os sujeitos atuantes na mesma medida em que é conduzida pela cultura, pensando esta enquanto sistema público de símbolos, significados, textos e práticas.

CONCLUSÃO

A discussão sobre o amor como um problema na atualidade remeteu à tendência em naturalizar e universalizar esse sentimento, e também conduziu à reflexão sobre como as mudanças nas relações sociais, particularmente no âmbito da intimidade, podem estar contribuindo para a criação de novos sentidos conferidos ao amor e para o desenvolvimento de novas formas de lidar com as emoções.

Na busca pela compreensão dos significados de amar demais a partir do grupo MADA, parti da constatação e da problematização da estratégia básica de recuperação: o centramento no “eu”. Essa análise, aliada à sistematização da dinâmica e dos rituais do MADA, levou-me a perceber que amar demais significa dedicar-se exclusivamente à alguém e esquecer-se de si; amar demais é acreditar que nenhum esforço é demais para agradar o outro; amar demais é sentir um ciúme descontrolado e ter desejo de posse pelo ser amado; amar demais é idolatrar o outro e se considerar inferior a ele; amar demais é uma doença, “cruel e sorrateira”, que tem tratamento, mas não tem plena cura; amar demais é amar-se de menos.

Recuperar-se do “problema de relacionamento” significa atingir o padrão da *normalidade*; significa estar inserido no mundo e fazer parte da lógica vigente. O tratamento no MADA confere às suas integrantes um sentimento de pertencimento à sociedade, não apenas como indivíduos, mas também como mulheres. Ser uma MADA em recuperação significa amar “na medida certa” e, acima de tudo, amar-se em primeiro lugar.

As mulheres que amam demais lutam diariamente para vencer a dependência de relacionamento e, nesse ponto, elas podem ser comparadas a qualquer outro grupo de pessoas que lutam por um ideal. Elas são fortes, incansáveis e determinadas a vencer, pois, de acordo com suas perspectivas, ser independente e amar de forma “saudável” significa ser feliz.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. “Prefácio”; “Apaixonar-se e desapaixonar-se”. In: *Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CORBIN, Alain. “A relação íntima ou os prazeres da troca”. In: ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (org). *História da vida privada – 4*. São Paulo: Cia das Letras: 1997.

COSTA, Jurandir Freire. “Introdução”; “Utopia sexual, utopia amorosa”. In: *Sem fraude nem favor – estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CHODOROW, Nancy. “Estrutura familiar e personalidade feminina”. In: ROSALDO, Michelle e LAMPHERE Louise (org). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

DUMONT, Louis. Introdução. In.: *Homo hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações*. São Paulo: Ed. da USP, 1997 [1966].

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

HEINICH, Nathalie. “Uma sociologia dos afetos”. In: *A sociologia de Norbert Elias*. Bauru: Ed. da USC, 1997.

LEACH, Edmund. “Introdução”. *Sistemas políticos da Alta Birmânia: um estudo da estrutura social Kachin*. São Paulo, Edusp, 1996 [1954].

NORWOOD, Robin. *Mulheres que Amam Demais*. São Paulo: Editora ARX, 2005.

ORTNER, Sherry B. “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?”. In: ROSALDO, Michelle e LAMPHERE Louise (org). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

ORTNER, Sherry B. “Subjetividade e crítica cultural”. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez. 2007.